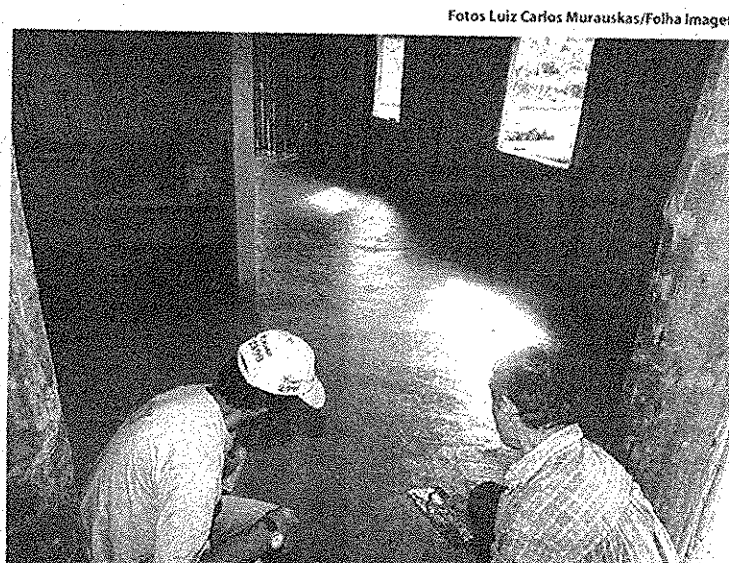


HABITAÇÃO Aldeia do Ribeirão Silveira, no litoral de SP, é a primeira a receber o projeto, que faz parte do Programa de Moradia Indígena

Alckmin faz ocas em reservas indígenas



Projeto habitacional em reserva indígena de São Sebastião (SP)



Interior de uma oca com piso cimentado e paredes de eucalipto

Fotos Luiz Carlos Murauskas/Folha Imagem

ROBERTO COSSO
DA REPORTAGEM LOCAL

Acostumada a construir moradias populares nas periferias das cidades paulistas, a CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo) agora também constrói ocas em reservas indígenas.

As obras fazem parte do PMI (Programa de Moradia Indígena), que prevê a construção de casas especiais em áreas indígenas pertencentes à União, com respeito à cultura, aos costumes e às tradições das comunidades indígenas.

Diferentemente do que ocorre com as moradias populares, os índios ganham as casas e não pagam prestação. O programa prevê o desembolso de R\$ 2,7 milhões pelo Estado e pelas prefeituras das cidades onde estão as reservas.

O PMI nasceu em junho de 1998, quando o governador Mário Covas, morto em março de 2001, assinou um decreto que previa a realização de um diagnóstico da situação dos índios em São Paulo.

A aldeia do Ribeirão Silveira, em Boracéia, São Sebastião (SP), foi a primeira a receber as empreiteiras contratadas pela CDHU. Elas estão fazendo casas totalmente diferentes das habitualmente encomendadas pelo Estado, que usam blocos de cimento, tijolos baianos e telhas de barro.

As residências indígenas são redondas e têm piso de cimento li-

so, paredes de madeira (eucalipto tratado) e telhado feito de piaçava baiana. Os banheiros são feitos totalmente de alvenaria, têm lavatório e chuveiro elétrico.

As 50 ocas que estão sendo construídas em São Sebastião têm cinco cômodos: sala, quarto, cozinha, banheiro e varanda. Há construções de 49 m² e de 60 m².

As habitações abrigarão as 280 pessoas que vivem na aldeia e que agora terão acesso às redes de água, luz e esgoto.

As obras devem ficar prontas em novembro, a um custo de R\$ 750 mil —cerca de R\$ 15 mil por casa. As casas populares de alvenaria construídas pelo Programa Chamamento Empresarial da CDHU —que, segundo o Ministério Público do Estado de São Paulo, foram superfaturadas— custaram R\$ 25 mil, em média.

Outras aldeias

O diagnóstico da situação dos índios do Estado revelou que a população indígena de São Paulo está espalhada. Algumas comunidades vivem em reservas demarcadas na mata, mas outras estão integradas aos centros urbanos.

Hoje, 950 índios pankararu vivem espalhados por favelas na capital paulista, como Real Parque, Jardim Elma e Madalena. Há aldeias indígenas em Marsilac (zona sul) e perto do pico do Jaraguá (noroeste da cidade), onde estão sendo construídas cinco ocas.

Índios pediram banheiro coletivo fora das casas

LUIZ CARLOS MURAUSKAS
REPÓRTER FOTOGRAFICO

Parte dos índios da aldeia do Ribeirão Silveira, em São Sebastião (SP), pediu à CDHU que construísse banheiros coletivos fora das casas, em vez dos banheiros internos com os quais os brancos estão acostumados.

Acostumados a utilizar fossas sépticas, eles diziam considerar anti-higiênica a instalação de banheiros dentro de suas casas —uma questão de cultura.

Apresentados aos vasos sanitá-

rios que seriam usados em suas novas casas e ao sistema de esgoto, que prevê o tratamento dos dejetos como forma de preservação da mata atlântica, eles aceitaram a construção dos banheiros.

A índia Tchegria, 66, diz que o mau cheiro da aldeia diminuiu após o início da construção das habitações.

“Em toda a minha vida, eu não sonhava em ter uma oca como essa”, declarou.

Kretju, 29, se disse satisfeita com a nova casa, mas afirmou estar ansiosa para o início do pro-

grama de desenvolvimento do artesanato que será implantado em sua aldeia.

Ela diz que hoje precisa viajar de ônibus para vender os produtos que faz.

“Vamos construir tendas na aldeia para receber os turistas e vender o artesanato.”

A subsistência dos índios é uma preocupação permanente das entidades que coordenam o PMI (Programa de Moradia Indígena).

Na aldeia Vanuíre, em Arco-Íris (a 600 km de SP), os 200 índios das etnias kaingang e krenak vi-

vem da lavoura de amendoim, milho e arroz.

O maior problema deles é a falta de sapé e coqueiros, habitualmente usados nas construções. A CDHU estuda formas para construir casas com esses produtos na região.

Todos os projetos são acompanhados por técnicos da Funai (Fundação Nacional do Índio) e discutidos com representantes das etnias guarani, terena, kaingang, pankararu e krenak.

Colaborou a Reportagem Local